

Confiança cega nas instituições de caridade pode gerar problemas

Com 518 milhões de euros em doações, 2005 foi um ano excepcional para as instituições de caridade na Holanda. Milhões foram enviados a projetos em terras distantes, entre elas o Brasil. Uma contribuição importante para criar um mundo melhor, você deve estar pensando. Mas será que é isso mesmo? Os coordenadores da *Stichting Pequeno*, Irene Mol e Stasio Komar perceberam que nem tudo é um mar de rosas no mundo das obras de caridade e pedem uma discussão realista sobre o assunto. Mas quem, em um país próspero e generoso como a Holanda esperaria um debate como este?

texto: Raymundo Prett
tradução: Elizabeth Pinheiro

"De weg van een gift"- A rota da doação - é o título do estudo realizado pela *Stichting Pequeno* após inúmeros problemas enfrentados com um projeto no Brasil. As negociações para a construção de um orfanato para crianças pobres em Paty do Alferes começaram em 1998. O projeto tinha como objetivo oferecer melhores condições de vida para as crianças da região - uma região agrícola situada a 80km da cidade do Rio de Janeiro. As más relações entre os proprietários de terra e os trabalhadores locais levaram a uma crise social de graves conseqüências, entre elas o abuso do álcool e das drogas. Este projeto tinha como meta evitar que as crianças fossem as maiores prejudicadas e acabassem na rua, e deveria ser concluído no final do ano 2000. Para isso, o representante do parceiro local no Brasil solicitou uma verba inicial de 53.340,00 dólares. Essa quantia seria paga principalmente pelas Fundações *Pequeno*, *Sint Martinus e Holanda/Brasil Stichting*. Esta última havia ainda conseguido um patrocinador para o projeto, a *Fundação Wilde Ganzen*.

Desde o início percebia-se que o projeto não corria como planejado, pois os parceiros no Brasil pediam quantias cada vez mais elevadas de dinheiro aos parceiros na Holanda. Foi aí que a *Stichting Pequeno* decidiu mediar entre os parceiros na Holanda e no Brasil. Em uma visita a Paty do Alferes em 1999, eles notaram que havia sido construída uma casa totalmente nova - e não uma extensão do casarão já existente, como havia sido combinado no projeto inicial. Dessa forma, o orçamento original acabou ficando duas vezes mais caro. Descobriram ainda que o parceiro local havia pedido doações de outras organizações sem notificar os parceiros na Holanda. Irene: "Na Holanda existe pouca comunicação entre as fundações, elas não sabem exatamente em que projetos cada uma delas está envolvida. Isso torna muito fácil pedir várias doações a diversas organizações para um mesmo projeto! Basta enviar seu plano a cinco organizações e quando você recebe as doações, declara apenas uma delas como tendo enviado toda a quantia recebida. Quem conhece esses procedimentos, descobriu a galinha dos ovos de ouro nas obras de caridade." Apesar de

doações generosas de dinheiro, o projeto não foi realizado conforme combinado. Fica a pergunta, até que ponto este projeto representa uma melhoria na situação dessas crianças brasileiras?

Como agir em uma situação como esta? *Wilde Ganzen* parecia ter encontrado a solução. Essa organização nunca verificou o andamento do projeto in loco e, segundo o relatório da inspeção apresentado pela *Stichting Pequeno*, nem todas as verbas foram investidas no plano original. A reação de *Wilde Ganzen* foi a seguinte: "...na pior das hipóteses, nos fizemos de tolos e na melhor das hipóteses, nossos parceiros brasileiros operaram com extremo amorismo...Decidimos fechar este dossiê, arrependidos de ter investido uma quantia considerável neste projeto." O parceiro local em Paty do Alferes foi colocado em uma lista negra, segundo *Wilde Ganzen*, o que significa que não podem mais pedir doações. "A atitude é doar sem pensar muito ou punir quando as coisas não dão certo - em vez de tomar medidas efetivas para evitar que isso se repita", acredita Stasio. Fora a pergunta sobre qual a validade desta lista negra, as pessoas que trabalham na base do projeto acabam em uma situação ainda mais delicada. Stasio: "Isso tem graves conseqüências para o grupo que queremos ajudar e para o qual o projeto foi idealizado. As populações desfavorecidas dependem de intermediários, que sabem onde pedir as doações." Segundo Stasio, alguns desses "corretores de verbas" têm grande conhecimento da estrutura de poder local. O que as organizações holandesas costumam fazer com freqüência quando os planos dão errado, é evitar que esses erros sejam divulgados nos meios de comunicação. Em seguida, são criadas mais regras que, na realidade, não são executáveis. Os escândalos quanto ao uso indevido ou desvio de doações acabam fazendo com que as pessoas decidam doar menos. Irene: "E a obra da tal casa continua não concluída, sabe-se lá se um dia não aparecerá outra organização bem-intencionada e com vontade de ajudar, sem saber que a construção já foi paga há séculos."



Com base nessa experiência no Brasil, a *Stichting Pequeno* decidiu concretizar uma idéia que foi batizada como "Doação Realista" (Realistisch geven). Stasio: "Queremos criar uma nova mentalidade, uma outra forma de lidar com doações. Não apenas na Holanda, mas principalmente nos países que recebem essas doações. A falta de conhecimento das diferenças culturais pode causar problemas para ambas as partes, mas também pode ser usada para tirar proveito da situação por aqueles que sabem disso." Ao alertar quanto ao desvio de doações, pode-se retirar os tomates podres do cesto. Stasio: "As organizações na Holanda, principalmente as de captação de verbas, precisam saber dos erros cometidos por outras. É quase impossível executar um projeto perfeito, considerando-se fatores como abuso de poder e corrupção. Isso dificulta a atuação dessas instituições nos países de terceiro mundo."

A *Stichting Pequeno* defende a criação de um Centro de Informações (Meldpunt) na Holanda. Irene: "Achamos que deve haver um órgão de inspeção na Holanda que possa ser consultado pelas empresas em caso de irregularidades. Um órgão independente com mandato e que esteja autorizado a fazer uma inspeção jurídica e coletar dados. Esses dados raramente chegam às mãos de uma fundação como a nossa. Isso permitiria recuperar a confiança de nossos doadores. Não é possível controlar todas as remessas de verbas, mas em caso de suspeita, pode-se notificar o centro, que fará uma inspeção."

Stasio: "Em outro caso, as pessoas estavam com muito medo de falar com os doadores quanto a irregularidades, pois foram intimidadas pelos líderes locais da organização que recebia as doações da Holanda. E quando fomos investigar como doadores, sobre possíveis desvios de verba, tivemos reações agressivas da organização. Logo depois, descobrimos que vários colegas doadores optaram por não fazer nada, por temerem por suas reputações. Isso não pode acontecer, porque apenas aumenta o problema! Contra esse abuso de poder, as pessoas devem dispor de um Centro de Informações, também no Brasil, onde possam fazer queixas anônimas."

Ao ser perguntada se na Holanda esse tipo de inspeção já não existe, como o CBF, Irene deixa seu ponto-de-vista bem claro quanto ao órgão: "O CBF não é um órgão independente. Uma instituição de caridade paga uma

quantia considerável para ter um selo de garantia emitido pelo órgão. Com o selo, as instituições de captação de verbas acreditam poder obter mais doações e se posicionar melhor na concorrência. Estamos falando de 'negócios da China'! O CBF fortaleceu o reconhecimento de sua marca através de campanhas, mas não deixou claro o que esse selo de garantia realmente representa. Segundo pesquisas de opinião pública, 40% dos holandeses conhece o CBF e 80% acham importante que uma organização tenha seu selo de garantia." A *Stichting Pequeno* pesquisou as informações publicadas na Internet por órgãos com selo de garantia do CBF e por terceiros sobre o alcance do CBF. Os resultados indicam que muitos acreditam que o selo de garantia do CBF por si só assegura a distribuição apropriada das doações. Mas em termos reais, o CBF não pode garantir isso. Além do mais, as organizações que optam por não pedir um selo de garantia correm o risco de receber menos doações.

Stichting Pequeno pede maior conscientização do próprio doador. Segundo Irene Mol, os doadores devem se informar melhor sobre as organizações para as quais fazem doações, e refletir sobre sua motivação para doar. Ele deseja realmente contribuir para um mundo melhor? Ela continua: "Freqüentemente, as pessoas doam porque acham que devem fazer algo por seu semelhante. No meio de tanta desgraça e desastres naturais, os doadores nem sempre buscam os motivos mais profundos por trás disso tudo. Isso é complicado porque levaria inevitavelmente a uma mudança no seu padrão de consumo. As pessoas preferem não se envolver, elas fazem suas doações e acreditam que isso seja suficiente para melhorar a situação no mundo. É claro que podemos continuar doando, mas os problemas do mundo continuam crescendo."

Stasio: "Se não mudarmos nossa maneira de pensar sobre doações, estaremos apenas tapando o sol com a peneira. Melhor seria, por exemplo, comprar produtos que tenham sido fabricados em condições de trabalho decentes. Isso tornaria desnecessários projetos futuros para resolver problemas decorrentes de investimentos prejudiciais à população e ao meio-ambiente. Apenas assim poderíamos falar de um intercâmbio justo entre pessoas que vivem e trabalham em países distantes."

Para mais informações sobre como fazer doações mais conscientes e outras publicações da *Stichting Pequeno*, visite www.pequeno.nl